



Danieli e Nicole: médicos querem usar células-tronco do cordão umbilical para tratar câncer de garoto

Bebê operado no útero pode salvar irmão

GIOVANNA BALOGH

Um bebê que passou por cirurgia experimental ainda no útero da mãe nasceu ontem, às 11 horas, no Hospital São Paulo da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Nicole nasceu saudável, com 2,525 kg e 45 centímetros. Depois de lutar para sobreviver, veio ao mundo com uma missão: ajudar na recuperação do irmão L., de 2 anos, que tem um tumor abdominal.

O câncer foi descoberto há apenas 20 dias e o menino já iniciou suas sessões de quimioterapia. De acordo com os especialistas da Unifesp, que também cuidam dele, existe a possibilidade das células-tronco do cordão umbilical e da placenta se-

rem usados no transplante de medula óssea. O material retirado no parto foi congelado e submetido a testes de compatibilidade – os resultados devem ser divulgados apenas na próxima semana. Em casos de irmãos, as chances de as células serem compatíveis é de até 40%.

A mãe das crianças, Danieli Rejane Ferreira de Campos, de 27 anos, passa bem e deve ter alta com Nicole no início da próxima semana. Ela estava confiante depois de ver a filha nascer bem e poder ter uma vida normal. A cirurgia, realizada no sexto mês de gestação, corrigiu uma malformação na coluna do feto, mais conhecida como meningocele.

Se a equipe médica da Unifesp não tivesse utilizado a téc-

nica a “céu aberto” – que abre a barriga da gestante para operar o bebê –, Nicole teria 90% de chance de ter hidrocefalia (acúmulo de água no cérebro), que causa distúrbios no funcionamento cerebral. “Ela provavelmente viveria numa cadeira de rodas, sem movimentar os membros inferiores”, explicou o chefe de disciplina da medicina fetal da Unifesp, Antônio Fernandes Moron.

Foi a segunda vez que Moron e sua equipe usaram a técnica a “céu aberto” para corrigir malformação num bebê antes de ele nascer. A primeira paciente, Raquel, tinha o mesmo problema de Nicole, foi operada em agosto e também nasceu saudável. Há 200 casos do tipo nos Estados Unidos.